Discussões sobre gênero, sexualidade e racismo a partir dos usos das redes sociais digitais por professoras cisgêneros[1]

Maíra Mello 1 [2]
Isabela Vique 2 [3]

Resumo expandido

Este resumo é parte de nossa pesquisa de doutorado envolvendo os usos do *Instagram* por professoras cisgêneros, brancas e negras, como *espaçostempos*[4] de discussão, produção e compartilhamento de conhecimentos outros para além dos muros das escolas e universidades. Entendemos que o fazer acadêmico tem histórico de se colocar como uma produção de conhecimento realizada para e por um grupo específico – homens, cisgêneros, heterossexuais e brancos - e restrito ao ambiente das universidades e aos grupos de pesquisa. Muitas vezes, o fato desse conhecimento se manter apenas nos espaços das instituições públicas de ensino superior e, logo, desses grupos, cria-se a ideia de uma epistemologia elitista e voltada para um público seleto e exclusivo, como o citado anteriormente.

Em tempos de descredibilidade da informação e *fakenews*[5], tanto jornalística como

[1] Trabalho apresentado no eixo temático Tecnologias digitais, gênero e diversidade do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 27 de novembro a 01 de dezembro de 2023.

[2] Jornalista, doutoranda e mestre em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mmello05@gmail.com.

[3] Pedagoga, doutoranda e mestre em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pvique.isabela@gmail.com.

[4] Esses termos aparecem juntos para indicar a necessidade que temos de ir além dos limites que herdamos das ciências modernas (ALVES, 2004).

[5] Notícias contendo inverdades, que circulam nas redes sociais.

da ciência, resquícios ainda latentes do governo vigente entre 2018 e 2022, além do desmonte da educação, também estimulado por ele, é de extrema importância e tática de resistência (CERTEAU, 2014) de quem produz ciência no Brasil, compartilhar e fazer circular esse saber em espaços mais democráticos, ampliando as possibilidades de narrativas mais acessíveis, livres de normas, formatações e rigores acadêmicos. E muitos docentes têm praticado isso há alguns anos, utilizando o ciberespaço como local de compartilhamento do conhecimento emergente, aberto, contínuo, em fluxo, não linear (LEVY, 2010).

Essa massa de pessoas tem usado as redes sociais digitais com essa perspectiva: produzir conteúdo e alcançar uma diversidade de pessoas, ultrapassando tempo e espaço, rompendo fronteiras simbólicas e epistemológicas do fazer ciência. Muitos/as docentes reconhecem as potencialidades da web 2.0 e da mobilidade ubíqua (SANTAELLA, 2003) com produção, criação e compartilhamento de conteúdos científicos *online*. Diferente da mídia corporativa massiva, em que um conteúdo é produzido e emitido de forma linear, por meio da televisão e do rádio, por exemplo, no ciberespaço essa autoria e produção são realizadas de maneira contínua, em que o usuário também participa sendo "potencialmente, ao mesmo tempo, 'produtor', 'autor', 'crítico', 'espectador', 'colaborador', etc" (CARDOSO, 2009, p. 161). André Lemos (2008) enfatiza essa ideia ao apresentar as leis da cibercultura, com o conceito da liberação do polo emissor, a conexão generalizada e reconfiguração de práticas, com um sujeito que deixa de ser passivo e consumidor e passa a operar, criar e participar (SILVA, 2014), por consequência da interatividade. Além disso, temos o acesso por meio de diversos artefatos culturais tecnológicos como *smartphones*, *tablets* e computadores pelos quais é possível produzir vídeos e ter acesso a eles, com a convergência das mídias (SANTAELLA, 2010).

Em conversa com os conceitos de cibercultura, ciberespaço e os usos dos artefatos culturais digitais, apropriamo-nos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação como aparato metodológico-espistemológico, entendendo como foco principal a

investigação das práticas, das artes de fazer, das lógicas operatórias, das táticas e das invenções dos praticantes das redes educativas tecidas *dentrofora* das escolas e universidades, a partir do uso (CERTEAU, 2014) do *Instagram* por partes de professoras brancas e negras cisgêneros. Compartilhamos, ainda, o entendimento de que os diferentes contextos cotidianos em que vivemos são *espaçostempos* nos quais se produzem o político, o econômico, o tecnológico, o cultural e o educativo, e não apenas tempos-espaços de repetição, consumo ou realização passiva do que teria sido concebido ou fabricado em outra dimensão da vida em sociedade, tais como a da elaboração de políticas públicas ou a do mercado.

Cotidianos são, então, lugar de produção de conhecimentos, significações, relações e subjetividades. *Espaçostempos* de invenção de si e do mundo (KASTRUP, 2007); de produção de saberes-fazeres em redes (ALVES, 2008); de produção da existência. Então, entendemos que no ciberespaço, as docentes fazem uso da plataforma digital *Instagram* como *espaçotempo* de enunciação, produção de outros agenciamentos, sentidos e existências, como as redes que formamos e nas quais somos formados. Um processo contínuo de formação docente e de subjetivação.

As docentes e suas páginas no *Instagram*

Professoras cisgêneros de instituições de diversos segmentos, inclusive do superior, também perceberam a amplitude que suas vozes poderiam tomar, para além do espaço escolar/acadêmico, principalmente no que concerne a assuntos sobre os quais elas pesquisam, lecionam e debatem, como as questões de gênero, sexualidade e raça. Essas professoras, em seus perfis no *Instagram*, são *praticantespensantes* fazendo uso das plataformas digitais nas práticas cotidianas (CERTEAU, 2014), tendo o ciberespaço como local de compartilhamento do saber científico *dentrofora* (ALVES, 2008) das instituições, promovendo mudanças na conjuntura e tecendo novas formas de *ensinaraprender*, a partir

de suas *práticasteorias* (OLIVEIRA, 2005).

Para este resumo, trouxemos três professoras cisgêneros[6] com páginas no *Instagram*: Isabela Vique, uma das autoras deste texto, com a @fridavaiaescola; Giovana Xavier, com @pretadotora; e Bárbara Carine com @uma_intelectual_diferentona. A ideia de se criar páginas no *Instagram* para dialogar com professoras sobre a possibilidade de práticas mais inclusivas, criando sentidos outros a partir de discussões científicas, impulsionou a criação da @fridavaiaescola. A ideia é conversar com professoras sobre a reprodução das normativas sexistas nos cotidianos escolares, ao mesmo tempo em que se buscam possibilidades outras. As páginas e grupos de internet, principalmente nas redes sociais, são um campo fértil para a comunicação e expressão de ideias e ainda servem como redes de compartilhamento.

Ao mesmo tempo em que as redes de compartilhamento podem auxiliar na manutenção da Educação Sexista, como temos visto em estratégias de disseminação de *fakenews* e discursos de ódio, entendemos também o quanto elas podem ser potentes para questionar essas normas, ressignificando e provocando discussões sobre as práticas docentes das professoras que seguem a página (e também as nossas) em prol da Educação Não Sexista, e de vida mais afirmativas.

Em uma conversa nos *stories*[7] da Frida Vai à Escola, algumas professoras falam sobre questionamentos às suas vestimentas durante e após o horário de trabalho. Uma delas relatou ouvir comentários como: "Isso não é roupa de professora". Outra contou que questionam sua multiplicidade: "Cada dia você vem de um jeito, né?" Sobre as postagens nas redes sociais particulares das professoras, relatam: "Postar foto de biquíni e maiô não é coisa de professora que se dá ao respeito".

Produzir um rosto-professora passa pela tentativa de manter em voga um

[6] As pesquisas relacionadas a este artigo não envolvem mulher transgênero. Por isso, optamos por especificar e localizar a categoria de gênero das sujeitas da pesquisa, pois entendemos que cada marcador altera as vivências e experiências sobre o mesmo assunto.

[7] *Stories* são recursos do *Instagram* que consistem na possibilidade de publicar fotos e/ou vídeos que ficam acessíveis por até 24 horas.

comportamento tido como referência para quem divide conosco o cotidiano escolar e desta forma, continuar a reproduzir as normas dos jogos de poder acordadas nos sexismos e nas desigualdades. Segundo Deleuze e Guattari, há a possibilidade de subversão destas rostificações, "[...] Se o rosto é uma política, desfazer o rosto também o é, engajando devires reais, todo um devir-clandestino" (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p, 64). Diversificar e representar as docentes mostrando novas formas de estar no mundo implicam na ação de desrostificação. Esse processo se dá em um conjunto de artefatos em que se deixa transparecer as singularidades por meio da liberdade de ser quem é.

Para além de pensarmos sobre nossos corpos e fabulações, a página da Frida Vai à Escola se mostrou uma interessante ferramenta para "narrar a vida e audiovisualizar a ciência" (REIS, 2018)[8]. Por Gênero e Sexualidade se tratarem de temáticas que envolvem tabus, disputas, polarizações, *fakenews* e informações desencontradas, a aproximação de suas produções e conceitos, por vezes, perde-se no caminho. Dessa forma, o objetivo da @fridavaiaescola é a produção de conteúdos, em que as imagens se mostrem como ferramentas de fazer, pensar e divulgar a ciência.

Já no âmbito da academia, trouxemos para este artigo duas páginas, também do *Instagram*: @pretadotora, da professora doutora Giovana Xavier[9], e @uma_intelectual_diferentona, da professora doutora Bárbara Carine[10], ambas mulheres autodeclaradas negras e bissexuais, que usam a plataforma como espaço de compartilhamento e circulação de conhecimentos a partir das questões raciais e de gênero. Tanto Giovana, quanto Bárbara produzem conteúdos acerca de seus próprios corpos, rompendo com um rosto professora - branca, dócil e subserviente -, intercalando produção intelectual, discussão sobre racismo, sexismo, educação, política e demais assuntos atuais,

[8] REIS (2018) alargou um dos movimentos de pesquisa de Alves (2008) denominado "narrar a vida e literaturizar a ciência", a fim de explicitar o quanto as pesquisas nas/das/com as audiovisualidades podem ser potentes.
[9] Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), criadora do curso Intelectuais Negras.
[10] Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), uma das fundadoras da Escola Maria Felipa, de educação infantil, sendo a primeira escola afro-brasileira do Brasil.

além de vídeos e fotos sensuais, com danças e práticas de *pole dance*[11]. Muitos conteúdos partem de suas inquietações em relação a como seus corpos femininos racializados e sexualizados afetam os cotidianos das universidades e são afetados por eles, com consequências racistas, sexistas e machistas. É fazer uso (CERTEAU, 2014) das armas do colonizador - tanto a academia, quanto as redes sociais digitais - contra ele mesmo.

Com 306 mil[12] seguidores, Bárbara Carine é quase um fenômeno no *Instagram*, com conteúdos cada vez mais focados em educação, educação antirracista e na autonomia e emancipação de sua intelectualidade, enquanto mulher negra. Em um de seus vídeos postados em junho de 2023, ela traz para a discussão exatamente a liberdade da produção intelectual, ao dizer que: "Defende sua dissertação, sua tese e vai ser a intelectual que você quiser ser" [13], em que reforça a importância da autonomia da produção intelectual para além do modelo formatado acadêmico, sempre fundamentado com teorias de pensadores que vieram antes, principalmente eurocentrados. Ela explica que para finalizar nossas pesquisas, é ainda necessário seguir essas regras, mas que, apesar disso, devemos vislumbrar essa emancipação em seguida.

A página de Giovana Xavier conta com 31,2mil[14] seguidores. Durante um longo período, pré-pandemia de Covid, suas publicações eram sobre racismo na academia, envolvendo seu corpo negro feminino enquanto possibilidade intelectual, além de questionar críticas que recebia sobre seu curso 'Intelectuais Negras', em que traz como base a ideia de que todos/as somos intelectuais, independente de titulação, pois refletimos sobre o vivido. Tempos depois, Giovana passou a fazer aulas de Ioga, se formando em mestre da prática e, em seguida, iniciou suas aulas de *pole dance*. A partir daí, ela mesclou posts sobre

[11] *Pole Dance* é um tipo de exercício que combina dança e ginástica, com movimentos coreografados ou não, com o uso de uma barra vertical.
[12] Número de seguidores até 22 de junho de 2023.
[13] Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ctv5vsvPXWN/ - Acesso em 22 de junho de 2023.
[14] Número de seguidores até 22 de junho de 2023.

a importância do movimento do corpo, associado à repressão e opressão sofrida por esse mesmo corpo durante toda a vida. Como um espaço de liberdade corporal (física e mental). Em uma *live* promovida por ela, junto a sua instrutora de *pole dance*, Giovana levantou uma questão: "Como ser uma mulher negra e as maneiras com que nossos corpos querem se referenciar?", refletindo sobre como a academia separa corpo e mente e como a valorização do corpo é vista como algo menor, fazendo com que sua intelectualidade seja contestável.

Diferente de @fridavaiaescola, tanto @pretadotora quanto @uma_intelectual_diferentona não se propõem a falar especificamente para docentes. A ideia era ter um espaço fora dos muros das universidades para discutir assuntos pertinentes ao fazer docente de cada uma e questionar a própria academia em sua postura elitista, racista e sexista, já que elas mesmas foram vitimas dessas opressões nesses espaços.

Considerações

Mais do que pensar no *Instagram* como *espaçotempo* de problematização para refletirmos acerca das outras possibilidades de ser, estar e existir enquanto docente e mulher cisgênero, pensamos com essas professoras e com base em alguns de seus conteúdos publicados na plataforma outras maneiras de produção, compartilhamento e circulação do conhecimento acadêmico numa perspectiva autoral, decolonial e, inclusive, biográfica – quais outros agenciamentos são possíveis a partir de suas enunciações? Imagens produzem subjetividades e saberes-fazeres-poderes que orientam a docência e a criação de currículos nos cotidianos das redes educativas *dentrofora* das instituições de ensino.

Referências

ALVES, Nilda. Tecer conhecimentos em rede. In: ALVES, N. & GARCIA, R. L. (org.). *O sentido da Escola*. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2008.

CARDOSO, Bruno de Vasconcelos. Voyerismo digital: representação e (re)produção imagética do outro no ciberespaço. In: GONÇALVES, Marco Antonio, HEAD, Scott (orgs.). *Devires Imagéticos:* a etnografia, o outro e suas imagens. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1: artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: Capitalismo e esquizofrenia 2. v. 3. São Paulo: Editora 34. 2012.

GOMES, M. Imagens midiatizadas: comunicando a si mesmas, IN: MONTAÑO, S.; FISCHER, G.; KILPP, S. (Orgs). *Impacto das novas mídias no Estatuto da Imagem*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

KASTRUP, Virgínia. *A Invenção de si e do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LEMOS, André. As estruturas antropológicas do ciberespaço. In: *Cibercultura:* tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEVY, Pierre. *Cibercultura.* São Paulo: Ed. 34, 2010.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Criação curricular, autoformação e formação continuada no cotidiano escolar. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo. (org.). *Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo*. São Paulo: Cortez, 2005.

REIS, Vinícius Leite. *A produção de narrativas audiovisuais sobre e contra a homofobia em processos de formação e autoformação para a docência*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - ProPed, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SANTAELLA, Lúcia. *Da cultura das mídias à cibercultura*: o advento do pó- humano. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 22, 2003.

_____. *Ecologia pluralista da comunicação*: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

Palavras-chave

Cibercultura; gênero e sexualidade; redes sociais digitais; formação de professoras; relações raciais.